

TE 468
Jornada Capixaba de Teatro, II

BR.TBES.C. 576
12



A exposição sobre o Oficina, Arena e Opinião continua até o dia 1º no Carlos Gomes

Exposição e leitura movimentam Carlos Gomes

A Segunda Jornada Capixaba de Teatro (promoção do DEC, Instituto Nacional de Artes Cênicas e Ministério da Cultura) prossegue no Teatro Carlos Gomes com a exposição de fotos e cartazes sobre os movimentos teatrais conhecidos como Arena, Oficina e Opinião, que revolucionaram o teatro brasileiro. Inaugurada na última terça-feira à noite, com um coquetel à base de vinho branco, a exposição fica até o dia 1º e depois vai para o Centro Cultural Carmélia M. de Souza.

Antes do coquetel foi apresentada a leitura dramática da peça **O Rei da Vela**, do vanguardista Oswald de Andrade, para um público bastante reduzido, mas interessado na obra deste escritor, que costumava dizer: "o nosso teatro é um cadáver gangrenado, como o Brasil também é". Mas a Segunda Jornada promete mais: de 1º a 12 de dezembro haverá duas oficinas de teatro com o diretor Celso Nunes, que promete agitar o Carlos Gomes.

Leitura

A leitura de **O Rei da Vela** teve a direção de César Huapaya. No elenco, Bebeto Castilho, Ary Roaz, Angela Caulyt, Célia Sampaio, Márcia Gaudio, Inácia Freitas, José Augusto Loureiro, Tião Carneiro, Wlad Castiglione, Mônica Bitti, Robson de Paula, Marcel Cordeiro, Tânia Castilho Benvenuto, Ana Cláudia Silveira Leite, Leydmar Torrente e Márcia Maria Rodrigues. A iluminação ficou por conta de Wlad Castiglioni e operação de Verônica Queiroz.

Apesar de não ter a magia do teatro e não passar de uma leitura dramática, o público se estusiasmou e acabou sendo contagiado pelo texto de Oswald: forte, realista, irônico, estilizado, às vezes cruel. **O Rei da Vela** é uma crítica sócio-econômica-cultural e seu texto continua retratando a realidade desse país do Terceiro Mundo. "Somos os recrutas da pobreza. Hipotecamos tudo ao estrangeiro..."

O gaúcho Bebeto Castilho, que está há quatro anos fazendo teatro em Vitória, ressaltou que, "em **O Rei da Vela**, a gente consegue pegar toda essa crítica social da obra de Oswald". E não foi gratuitamente que o Oficina reinaugurou o Teatro Oficina, em 67, com esta peça, cuja montagem foi definida pelo diretor Cesar Huapaya como "uma revolução cênica. Primeiro, a redescoberta de um gênio, Oswald



A leitura de **O Rei da Vela** entusiasmou o pequeno público

de Andrade e, em segundo, pelo nascimento da encenação moderna no Brasil".

Programação

A II Jornada terá ainda duas oficinas de 1º a 12 de dezembro, ministradas pelo diretor de teatro Celso Nunes (Prêmio Moliere 85). A primeira será de 16 às 18 horas, sobre a história do teatro e a segunda das 19 às 22 horas sobre interpretação. As inscrições já estão abertas no TCG, com Renato Saudino ou Beth Caser.

Dia 5, às 20 horas, será aberta a exposição (com coquetel) Teatro Capixaba: 15 anos. Antes, às 19 horas, o grupo de teatro e dança Opus Tupiniquim apresentará um espetáculo conjunto: **Stultifera Navis**, **Mephisto** e **Admirando Kazuo Ono**. O grupo é constituído por Magno Godoy, Marcelo Ferreira, Carlos Délio da Silva e Paulo Fernandes.

Stultifera Navis é inspirado na tela **A Nau dos Loucos**, de Hieronymus Bosch, sobre texto de Michel Foulcault, e poemas de Sebastian Brandt. Neste espetáculo, o Opus Tupiniquim uniu elementos da dança minimalista de Kazuo Ono e do teatro Kabuki, do Japão às técnicas "neo-iaôs", recolhidas de rituais afro-brasileiros.

O espetáculo foi dividido em três partes: O Porto, utiliza músi-

ca de Edgard Varese (Intergrales) e é ambientada num cais, onde marinheiros transportam grande mercadoria em sacos de estocagem para exportação. A segunda, com o título **Os Pecados Capixais**, também utilizado para denominar uma das telas de Bosch. Os loucos são perseguidos e escorraçados da cidade. A terceira parte — **A Nau dos Loucos** — com a embarcação partindo sem destino ao mar.

O outro espetáculo, **Mephisto**, inspirado no Mephisto de Klaus Mann e no Fausto de Goethe, conta a história trágica de um artista que vende sua cabeça ao poder e aos interesses do Estado. Os dançarinos neo-iaôs evocam dramaticamente, com base na miséria do Terceiro Mundo, a depressão universal do sentimento oceânico sobre as impossibilidades e carências do ser humano.

Sobre a técnica neo-iaô, o **Opus** costuma dizer: "precisamos voltar para os fenômenos que antecederam a nossa formação. Antes dos óvulos e espermatozoides. Temos que recuar aos estados remotos. Voltarmos a antes de sermos. Mergulharmos nos cosmos. Nessa volta a nós mesmos, nessa viagem interior, fugimos com medo de nossos objetos de desejo... A dança será a dor da nossa miséria, da nossa bestialidade..."